

Entre a palavra e o movimento

Between the word and the movement

Hélia Borges*

Resumo: Este artigo evidencia a importância das construções winnicottianas para um fazer clínico que favoreça as expressões singulares, silenciadas pelas interferências na motilidade e na sensibilidade dos corpos por meio das quais os processos de subjetivação contemporâneos exercem seus poderes.

Palavras-chave: subjetivação, estádios primários do desenvolvimento, corporeidade.

Abstract: *This article aims to highlight the importance of Winnicott's constructions to make possible a clinical that promotes singular expressions silenced by interference in the motility and sensitivity of the body by which the contemporary processes of subjectivation exert their powers.*

Keywords: *subjectivation, primary development, corporeity.*

* Psicanalista, Doutora em Saúde Coletiva pelo IMS/UERJ, Professora da Faculdade Angel Viana do curso de graduação em Dança e do curso de pós-graduação em Terapia através do Movimento e Processos de Subjetivação.

No artigo “A Integração do ego no desenvolvimento da criança” Winnicott (1962) propõe à cena¹ psicanalítica um desvio a partir de uma reflexão crítica sobre a importância dos elementos motores e sensoriais do corpo como campo de elaboração para um eu. A constituição de um eu, para este autor, é vista neste texto como resultante de um processo em que não existe um eu desde o começo, mas sim uma soma de começos, ou seja, uma soma de experiências, de qualidades corpóreas, uma soma de sensorialidades e movimentos inaugurais, sendo este - a multiplicidade de inícios – o momento de integração, o momento onde o eu começa.

A primeira pergunta que surge com respeito ao que é denominado ego é a seguinte: há um ego desde o início? A resposta é que o início está no momento em que o ego inicia (e em nota de rodapé:) *é bom lembrar que o começo é a soma dos começos.*” (WINNICOTT, 1983, p.56.)

Podemos dizer que este momento narcísico, entendido como o ponto de torção do processo de integração, se constitui, então, não mais a partir de uma estabilização de forças em uma única direção, mas na possibilidade de sustentação de uma multiplicidade de vivências que acontecem em um campo de tensões inscritas nas sensações, nos movimentos e nos ritmos dos corpos. Desse modo constitui-se um estado de coisas em que uma instância se produz como suporte, favorecendo o jogo de forças necessário vivido pelos atravessamentos de um corpo habitado. Não mais um eu como localidade, seguindo a reformulação freudiana da segunda tópica, mas um campo de forças, uma tensão constante emergencial, uma instância que convoca a ideia de ritmo e de perseverança realizando o sentimento de existir.

Freud, ao inaugurar a psicanálise, realiza esse projeto propondo a constituição do mundo psíquico a partir dos conflitos e paradoxos que se estabelecem pela inscrição necessária do sujeito na cultura. Foucault (1967, 1982, 1984a, 1984b, 2001, 2004a, 2004b, 2011), com seus escritos, marcará a trajetória da produção do mundo subjetivo atrelada aos movimentos históricos so-

¹ Faço aqui alusão à ideia de *cena* - como proposição de uma psicanálise *standard* que se realiza através do modelo interpretativo do sentido sustentado na representação - na tentativa de ressaltar a contribuição winnicottiana que, na contramão desse modelo, convoca o espaço transferencial como campo fundamental para operar para além desses limites até então instituídos.

ciais revelando o entrelaçamento definitivo entre a política, a governabilidade, as questões econômicas e a constituição do eu.

Pensar o corpo em suas produções, como nos mostram tais estudos de Foucault (cf. BORGES, 2009), só se torna viável se nos aproximamos do horizonte histórico/político no qual este corpo se encontra inserido, pois a materialidade corpórea carrega na sua própria substância, como campo virtual, a expressão do conjunto de forças do coletivo. Ou seja, campo virtual como o que na sua realidade antecede a atualidade, o que se manifesta na materialidade. Entendendo, desse modo, a virtualidade como o que está em potência, o possível vir a ser de cada um de nós.

No mundo contemporâneo é justamente neste campo de composição da própria existência, através das interferências nos começos motores e sensoriais, que processos de subjetivação exercem seu domínio fechando, pelas codificações, o acesso às multiplicidades constituintes inscritas nas primeiras experiências do existir adquiridas por meio das vivências corporais. Os processos de subjetivação são, aqui, entendidos como campo de forças em que o que está em cena não se restringe a um sujeito, mas a um processo no qual, através da história, se reordenam sem cessar as lutas travadas entre o existir singular e as forças de dominação exercidas pelos saberes e poderes instituídos.

Campo de afecções, a corporeidade é, na atualidade, o território em que se localizam os mecanismos envolvidos na produção de subjetividades. O século XX foi palco do incremento de pesquisas sobre o corpo. Vários campos do saber debruçaram-se, através de suas práticas, no desenvolvimento de novos estudos, desde os achados da neurociência, até nas artes e nas ciências humanas. Seja por um esgotamento da razão dissociada das condições sensíveis que marcaram o racionalismo do século XIX, seja em função dos desejos mais inexpugnáveis do homem na herança de seu sonho frankensteiniano na busca do controle e da manipulação da vida, surgiram ampliações conceituais na ruptura com uma tradição acadêmica cientificista para dar conta deste desconhecido: o corpo vivo, móvel.

Abrem-se, nos meados do século XX, novos territórios buscando dar lugar ao que tinha se tornado obscurecido e silenciado pela tradição cartesiana. Os acontecimentos histórico-sociais colocaram o homem frente a seu próprio esgotamento. Não era mais possível creditar à razão humana a condição de operadora dos saberes, como se fizera antes, diante dos desvios produzidos como, por exemplo, entre outras atrocidades, nas pesquisas científicas na Alemanha hitlerista, em nome do aprimoramento da raça.

As tecnologias invadiram o espaço transformando as subjetividades, inscrevendo-as em novas dimensões do espaço e do tempo. Claudine Harouche (2008), em seu livro *A condição sensível*, realiza um estudo sobre a condição do que nomeia *homem hipermoderno*, apontando para questões cruciais decorrentes das formas como a sociedade moderna e pós-moderna vem se organizando. A autora revela que o homem contemporâneo, atravessado pelas modificações de sua época, tem apresentado transformações em seu sentir, uma neutralização dos afetos, seja pelas superexcitações corporais, seja por seu esvaziamento. Transitando entre a extrema fluidez das composições existenciais modernas ao autoritarismo relativo às posições totalitárias fixantes, Harouche problematiza as produções decorrentes das sociedades democráticas.

Na recusa à alteridade, a violência se instala em posições sectaristas que funcionam como suporte para acionar o mecanismo do reconhecimento em que as subjetividades contemporâneas se ancoram. Na dissolução das formas, novas formalizações radicalizadas nos agenciamentos fusionantes impregnam as práticas sociais de associação, retirando, assim, o outro da cena.

Em mecanismos como “aderência a si” (GAUCHET *apud* HAROCHE 2008, p. 128), em que as personalidades transitam por um espaço sem coletivo, os vínculos se tornam meros apoios para o deslizamento incessante produzido pela extrema flexibilização e fluidez das relações de objeto. As estratégias do poder na atualidade se concentram na relação direta com processos dessubjetivantes em que o corpo se transforma em objeto de intervenções submetido aos efeitos midiáticos, nos quais a fadiga, a lassidão e as compulsões encontram sua morada. A precariedade e a imediaticidade dos vínculos levam ao esvaziamento das funções críticas, inviabilizando a capacidade perceptiva, o pensamento, distanciando do horizonte existencial questões éticas, fundamentais na construção de um coletivo.

Seria possível diante desse modo de subjetivar-se constituir condições para construir um pensamento crítico, ético, sustentado na capacidade de afecção do corpo?

Segundo Agamben (2002), a herança da Segunda Guerra, com as experiências realizadas nos campos nazistas, constitui o paradigma dos jogos de poder/saber da contemporaneidade. Fundiram-se, naquele momento, a política e a medicina, principalmente com a evolução das pesquisas genéticas em prol da ideologia nacional-socialista. A saúde passa a determinar os destinos da população e de cada um: da vida indigna de ser vivida e da vida plena.

Distinguindo entre política (*Politik*) e polícia (*Polizei*), von Justi conferia à primeira uma atribuição meramente negativa (a luta contra os inimigos externos e internos do estado) e à segunda uma atribuição positiva (a tutela e o crescimento da vida dos cidadãos). Não se compreende a biopolítica nacional-socialista (e com ela boa parte da política moderna, mesmo fora do Reich), se não se entende que ela implica o desaparecimento da distinção entre os dois termos: *polícia* e *política*, e a tutela coincide com a luta contra o inimigo. [...] Somente nesta perspectiva adquire todo seu sentido o extermínio dos hebreus, em que polícia e política, motivos eugenéticos e motivos ideológicos, tutela da saúde e luta contra o inimigo tornam-se absolutamente indiscerníveis. (AGAMBEN, 2002, p. 154.)

Característico deste modelo, o Estado se tornou administrador da saúde, assumindo para si o cuidado biológico da nação. E é à vida nua, vida como vivida, vida do homem como ser vivente, a “vida nua e seu *avatar* no moderno (a vida biológica, a sexualidade etc.)” (AGAMBEN, 2002, p. 126) que serão endereçadas as práticas biopolíticas, pela purificação dos corpos, do que não interessa aos modelos de saúde e desenvolvimento. Assim, os corpos devem voltar à vida nua, ficando sob a mira não só os indivíduos portadores da estranheza (doentes mentais, doenças hereditárias, entre outras tantas), mas também as populações empobrecidas. Ou seja, a política volta-se para o que considera vida indigna de ser vivida, seja de indivíduos, seja de populações.

Nos deslocamentos que vêm se realizando desde a modernidade, do sujeito da interioridade para a exterioridade do corpo, há que se estar atento aos modos de apropriação realizados pelos poderes exercidos na atualidade. O corpo se tornou o lugar privilegiado das intervenções efetivadas pelo biopoder visando à otimização da vida. Hoje, como nos diz Sibila:

O corpo não é descartado por ser pecador, mas por ser “impuro” em um novo sentido: imperfeito e perecível, portanto, limitado. Por ser viscoso e orgânico, ele é inexoravelmente obsoleto. Mas a própria tecnociência se propõe a consertá-lo, estendê-lo, recriá-lo, transcendê-lo, através das metáforas que emanam dos centros de pesquisa contemporâneo e que plasmam no mundo e nos homens seus efeitos de realidade. (SIBILA, 2002 p.96.)

A construção de projetos hegemônicos que buscam produzir sujeitos saudáveis, pela negação das diferenças nas formas particulares de existência, acaba por gerar ataques genocidas, como temos presenciado nos tempos atuais, aniquilando populações. Nos jornais que circulam cotidianamente no mundo globalizado somos capazes de identificar tais massacres, práticas tão comuns nos dias de hoje, como deixar à deriva populações “improdutivas” que não interessam aos poderes capitalísticos.

As consequências dessas práticas relativas ao biopoder não se manifestam apenas em termos populacionais, mas se desdobram, e os seus efeitos vão se evidenciar nos sofrimentos individuais expressos nas apatias, nos estados depressivos, nos estados de pânico, nas compulsões, adições, entre outros, uma vez que é a vida em sua manifestação singular – por ter se tornado ligada ao projeto estabelecido pelo Estado – que está ameaçada. A biologia segue transformada, então, em um instrumento do poder político.

Assim, no exercício de poder que se estabelece através das práticas hierárquicas, das relações verticalizadas, os indivíduos são destituídos de sua capacidade crítica, de seu pensamento intuitivo² na medida em que, regidos por um ideal igualitário, abandonam suas formas singulares de estar no mundo reproduzindo os padrões estabelecidos. Assim, parasitam-se no líder e perdem sua capacidade da escuta de si, pois referidos ao ideal do grupo margeiam seus modos de experimentação, sendo esvaziados de sua capacidade de buscar no mundo condições de afirmar a vida em seus desvios.

Assim, ao sujeito da interioridade psíquica, foco de reflexões teóricas dos séculos XIX e XX, sucede-se o sujeito da exterioridade corpórea com seus infindáveis discursos. O corpo aparece como um tema e desaparece como um fato (cf. GIL, 1980). Não é por acaso que nas últimas décadas o corpo passou a ocupar lugar de destaque nos discursos das mais diversas áreas do saber humano. A vida em seus modos é exposta como território a ser colonizado: deve-se fazer o corpo falar, explorá-lo em seus mais íntimos recantos, transformá-lo em corpo manufaturado.

O corpo se torna, então, campo de inscrição de um significante despótico para a resolução de questões suscitadas no indivíduo e na cultura. Esta tendência em falar sobre o corpo em regimes

² O pensamento intuitivo é visto como o pensamento crítico, segundo Bergson (1982), pois este pensamento, ao estar mergulhado na integralidade da experiência vivida, permite ao ser ampliar sua perspectiva no mundo.

de significados, pela valorização extrema dos problemas ligados ao corpo, fazendo uso excessivo de seu termo no nível metafórico, aponta uma violência sobre o corpo, pois quanto mais ele (o corpo) é empregado para designar a diversidade de seus modos, menos se apreende “a marca de sua vida, no ponto em que todo o vestígio do corpo parece desaparecer sob a confusão de signos e das relações lógico-estruturais.” (GIL, 1980, p.8.)

Esta invasão de sentidos, na busca de ocupação do interior do corpo, cada vez mais minuciosa, se associa ao processo realizado pelas biopolíticas visando à otimização das populações ou indivíduos, a fim de favorecer o projeto de expansão das forças do capital. Neste processo se realiza um amortecimento ao corpo como fonte de receptividade e captação do mundo, produz-se um sujeito que habita uma “zona intermediária entre o humano e o inumano, máquina biológica desprovida de sensibilidade e excitabilidade nervosa” (PELBART, 2007, p. 3).

Compreendemos, a partir das considerações já expostas, que é sobre os mecanismos de poder que estaremos trabalhando ao refletir acerca do singular em suas manifestações particulares, através do que pode ser apreendido pelos movimentos e ritmos dos corpos, já que estes nos aproximam de uma estética da existência³. Fazer da vida uma obra de arte (DELEUZE & GUATTARI, 1996, 1997, 2001) se compromete com a proposição que realizamos diante da vida ao resistir às formas homogeneizantes e buscar, frente à existência, o que nos compõe de modo a afirmar a vida em sua potência.

Portanto, é no confronto com as forças de captura que surge o corpo em sua capacidade receptiva ao mundo, capacidade esta que nos aproxima da ideia trazida por Foucault (1984, 2004 a, 2004 b) nos seus estudos sobre o cuidado de si dos gregos, em que a ascese como prática de vida visava a uma estética da existência; tal prática restaurava para o cidadão grego a governabilidade de si, não sendo competência do Estado governar a vida privada dos indivíduos. Porém, as bioasceses contemporâneas constroem uma prática que resulta no que Pelbart chama de um corpo fascista (PELBART, 2007), corpo este que, tomado pelos modelos de saúde e beleza dos modos de ser pós-moderno, se

³ Refiro-me aqui ao processo de dar forma à existência, em uma perspectiva estética dentro da leitura foucaultiana do cuidado de si, da governabilidade de si, temas desenvolvidos nos seus últimos escritos *Histoire de la sexualité 3: Le souci de soi*, Paris: Gallimard, 1984, e *Ditos & Escritos*. Vol. V. *Ética, Sexualidade, Política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

torna prisioneiro das idealizações, num movimento suicidário, obturando, assim, as potências de afecção característica da corporeidade.

Peter Pál Pelbart (2003), em seu livro *Vida Capital*, ao trabalhar com a ideia de biopotência a associa à capacidade inerente aos seres humanos em resistir às forças do biopoder que, como poder estatal, investe na multiplicação da vida por meio da aniquilação da própria vida. Ou seja, nos revela através do que nomeia de biopotência a capacidade da vida para confrontar as forças de captura, isto é, a capacidade da vida para constituir novos agenciamentos que viabilizem os desvios necessários à manutenção da existência em sua heterogeneidade, em sua multiplicidade.

Deleuze e Guattari (1997) insistem por uma prática clínica em que a crítica, como um compromisso estético-ético, nos aponte para o trabalho de desapego ao código, para a importância de se atentar para o não encobrimento das interferências recorrentes nas modelizações impostas ao eu, explicitando, desde que possível, os meios e modos da constituição de subjetividades derivados das práticas histórico-sociais contemporâneas ao sujeito.

Dentro desta perspectiva, resalto a contribuição de Winnicott à psicanálise que ao longo de suas elaborações teóricas evidenciou a implicação do ambiente nas produções subjetivas e decorrentes estados patológicos. Este autor, ao se voltar para as experiências motoras e sensoriais dos primeiros meses do infante colocou em relevo, entre outras consequências, a violência destrutiva e a impotência como oriundas do manejo inadequado, pelo mau acolhimento ambiental, às forças agressivas e impulsivas constituintes. Winnicott (1950), em seu artigo “A agressão e sua relação com o desenvolvimento infantil”, apresenta, logo em seu primeiro parágrafo, a problemática que, para ele, subjaz à questão da agressividade:

A principal idéia que este estudo da agressão veicula é que, se a sociedade está em perigo, a razão disto não se encontra na agressividade do homem, mas na repressão da agressividade pessoal nos indivíduos. (Winnicott, 1978, p.355.)

Ao longo do artigo, irá discorrer sobre as falhas decorrentes do processo de cuidado que não corresponderiam às necessidades do bebê em sua motilidade. Acrescenta ele que a tarefa de cuidado estaria em prover um campo de oposição, e não de repressão ou de ausência em relação aos movimentos agressivos do bebê em direção ao mundo. Ao encontrar no mundo um campo de sustentação às moções agressivas, à motricidade o bebê contemplaria a capaci-

dade de ir em direção ao mundo não se intimidando frente às batalhas pela existência.

Na importância atribuída a este autor aos contatos corporais entre o cuidador e o bebê, Winnicott (1941, 1945, 1949, 1950, 1952, 1956) evidencia a necessidade da construção de um acolhimento físico vivido como resistência aos movimentos realizados pela motricidade. Esta resistência, ao criar um campo de contorno e oposição, se torna um registro encarnado possibilitando, dessa forma, às subjetividades o exercício de combate.

A ausência de um movimento de oposição, ao gerar um esvaziamento das tensões agressivas, dificulta a experiência de constituição de um *eu-em-continuidade-com-o-mundo*. Assim, a percepção aos espaços subjetivos se obscurece e, conseqüentemente, neste apagamento se torna prejudicado o processo de aquisição da capacidade do cuidado de si.

Winnicott, ao longo de seus escritos, em suas elaborações sobre a clínica psicanalítica (cf. BORGES, 2009), afirma a importância da experiência subjetiva do existir em continuidade com o mundo; tarefa arduamente construída na relação transsubjetiva⁴, composta de projeções e introjeções, nos espaços de transicionalidade, realizada desde os primeiros movimentos, como modo de se conquistar um existir. Um existir que se compõe de um corpo vivo em intensa produção de sentidos, a cada experiência realizada nos encontros entre os corpos.

Desse modo podemos dizer que Winnicott se compromete com um saber que, ao se ocupar em recuperar um corpo estagnado em sua motilidade, denuncia os mecanismos de silenciamento das singulares formas de existir realizados pelos poderes através de suas práticas de controle, que se ordenam no campo histórico-social que, na atualidade, se configura pelas práticas do biopoder.

José Gil (1980) utiliza o termo transdutor de signos, e o adotamos aqui para evidenciar o processo de transformação característico da operação de um corpo em sua condição de apreensão e recepção às forças intensivas que o atravessam. Este termo se refere à capacidade de um sistema, dispositivo ou organismo em transformar uma forma de energia em outra forma de natureza diversa. Esta qualidade ou propriedade permite que, através do corpo em sua

⁴ Utilizo este termo *trans-subjetiva*, justamente, no intuito de marcar o fato de que ao trabalhar com esta dimensão subjetiva referida a corporeidade, mais do que estar falando de intersubjetividade, que se caracteriza pela relação de dois corpos, desejo ressaltar o campo que se *constroi* entre os corpos pelos seus atravessamentos.

excitabilidade e sensibilidade, possam ser realizadas as transformações sgnificas: as transmutações, ao se efetuar a passagem da sensação para a simbolização favorecendo, pelo processo de operação do simbólico – pela transdução – a emergência de novos horizontes diferenciais.

Gil (2004), problematizando a ideia do corpo nos processos criativos e nos processos terapêuticos, nos conduz a novas formulações, pretendendo uma ultrapassagem de algumas construções fenomenológicas, na proposição de um avesso da intencionalidade (Gil, 2004), na direção de pensar o corpo como um lócus que nomeia de campo metafenomnico. Assim, esse autor nos diz:

É preciso definir a consciência do corpo não à maneira da fenomenologia (mesmo uma fenomenologia do corpo como a de M. Ponty), não como o que visa o sentido do objeto da percepção, por exemplo, mas como uma instância de recepção de forças do mundo graças ao corpo, e assim, uma instância de devir as formas, as intensidades e o sentido do mundo (GIL, 2004, p. 2).

O que se evidencia nesta observação é a apresentação da apreensão do mundo como força, campo que produz em si, no ato de conhecimento, uma resistência à aceitação da dimensão lógica referida à intencionalidade que caracterizaria a fenomenologia propondo para pensar no ato de conhecimento o corpo, colocando-se para além da problematização do sentido das coisas do mundo, ou seja, na experiência sensível do objeto, transferindo a indagação sobre o conhecer para a experiência de recepção ao campo de forças, campo molecular, processual, imperceptível presente nas relações com o mundo em seu devir.

José Gil (1980) utiliza o temo transdutor de signos, e o adotamos aqui para evidenciar o processo de transformação característico da operação de um corpo em sua condição de apreensão e recepção às forças intensivas que o atravessam. Este termo se refere à capacidade de um sistema, dispositivo ou organismo em transformar uma forma de energia em outra forma de natureza diversa. Esta qualidade ou propriedade permite que, através do corpo em sua excitabilidade e sensibilidade, possam ser realizadas as transformações sgnificas: as transmutações, ao se efetuar a passagem da sensação para a simbolização.

Nesse campo de efetuação de forças, em sua materialidade encarnada,  que encontramos território para desenvolver a hipótese de que é na mesma construção subjetiva contemporânea realizada pelos processos de apropriação

de um corpo que podemos encontrar elementos que viabilizem novos agenciamentos em direção aos desvios necessários ao instituído.

O sujeito e a sujeição guardam a proximidade entre constituição e submissão, a sujeição é o processo de tornar-se subordinado a um poder e, também, um processo de constituir um sujeito que escapa à dominação. Dessa forma subordinação não é privação da ação. A ação afirmativa se encontra na capacidade de internalizar a norma e poder transformá-la. E não é por acaso que o processo de subjetivação tem seu lugar privilegiado na qualidade do que é corpóreo.

A corporeidade, que se revela na materialidade dos encontros, se articula à capacidade inventiva, que, ao interagir com o meio de modo produtivo, compromete-se com a existência de forma afirmativa, na manutenção da abertura necessária do corpo para as afecções vividas na alteridade.

Se assim propomos, é porque desejamos ressaltar a condição de transdução operada especificamente pela corporeidade, através da ativação dos sentidos de forma a permitir, pela alteridade, um ato de resistência às políticas homogeneizantes. É, portanto, no resgate da condição sensível do corpo, na sua condição de afetabilidade, que a capacidade de exercer a governabilidade de si se inscreveria viabilizada pela desconstrução do que se encontra já codificado, favorecendo, pelo processo de operação do simbólico - pela transdução - a emergência de novos horizontes diferenciais.

Esta capacidade transdutora do corpo, portanto, refere-se às proposições enunciadas por Deleuze e Guattari⁵, assim como Foucault, ao aproximar a vida em sua produção à ideia de obra de arte, ou seja, à possibilidade de que nos processos de subjetivação se constituam espaços estéticos de resistência, linhas de fuga aos mecanismos de poder, fazendo emergir outras formas de estar no mundo. Contemplamos, também, essa sintonia de idéias em Winnicott quando este nos diz, por exemplo, em nota de fim de página do seu texto de 1945, “Desenvolvimento emocional primitivo”:

Através da expressão artística, há a esperança de manter contato com nossos selves primitivos, de onde se originam os sentimentos mais intensos e sensações amedrontadoramente agudas e ficamos realmente empobrecidos se somos apenas sãos. (WINNICOTT, 1978 p. 285.)

⁵ Aqui me refiro aos conceitos desenvolvidos por Deleuze, G. & Guattari, F. em *Mil Platôs*. v. 1 e 3, 4 e 5.

Referências

AGAMBEN, G. *Homo Sacer. O poder soberano e a vida nua*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

_____. *Homo Sacer III. O que resta de Auschwitz*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2008.

BERGSON, H. *Matière et Mémoire*. Paris: PUF, 93ª ed. 1982.

BORGES, H. Da Exterioridade como Implicação de Si. In: ARÁN, M. (org.). *Soberanias*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2003. p. 161-166.

_____. O Processo de maturação em Winnicott como campo de atualização de virtualidades. In: ARMONY, N.; MELGAÇO, A.; OUTEIRAL, J. (Orgs.). *Winnicott. Seminários Cariocas*. Rio de Janeiro: Revinter, 2008.

_____. *Sobre o movimento: o corpo e a clínica*. Tese Doutorado. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Medicina Social. 2009.

DELEUZE, G. *Crítica e Clínica*. São Paulo: Editora 34, 1997.

_____. *Logique de la Sensation*. Paris: Editions du Seuil, 2002.

_____. *Conversações*. Rio de Janeiro: Editora 34, 2004.

_____. *Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 2005.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil Platôs*. São Paulo: Editora 34, v. 1 e 3, 1996 e v. 4 e 5, 1997.

_____. *O que é filosofia*. São Paulo: Editora 34, 2001.

GIL, J. *Metamorfose do Corpo*. Lisboa: A Regra do Jogo Edições, 1980.

_____. *Abrir o Corpo*. Porto Alegre: UFRGS, 2004. Trabalho apresentado no Simpósio Corpo, Arte, Clínica.

FOUCAULT, M. *Ditos & Escritos*. v. V. *Ética, Sexualidade, Política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004^a.

_____. *História da Sexualidade II: O uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984a.

_____. *Histoire de la sexualité 3: Le souci de soi*, Paris: Gallimard, 1984b.

_____. *Sécurité, territoire, population*. Paris: Seuil, 2004 b.

_____. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1982.

_____. *As Palavras e as Coisas*, Lisboa: Portugalia, 1967.

_____. *Os Anormais*, São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. *L'Ordre du discours : Leçon inaugurale au Collège de France prononcée le 2 décembre 1970*, Éditions Gallimard, Paris, 1971. Disponível em: <<http://unb.br/etefilloescofoucaultordem.html>> Acesso em: mar. 2011.

HAROCHE, C. *A condição sensível: formas e maneiras de sentir no Ocidente*. Rio de Janeiro, Contra Capa, 2008.

PELBART, P. P. *Vida Capital. Ensaio de Biopolítica*. São Paulo: Iluminuras, 2003.

_____. *Cartografias Biopolíticas*. Texto de conferência inédita (mimeo), 2007.

SANT'ANNA, D. Transformações do corpo, controle de si e uso dos prazeres *in Imagens de Foucault e Deleuze, ressonâncias nietzschianas*. RAGO, ORLANDI, VEIGANETO (Org.). Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

SIBÍLIA, P. *O Homem Pós-orgânico*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2002

WINNICOTT, D. (1962). A Integração do ego no desenvolvimento da criança. In: _____. *O Ambiente e os Processos de Maturação*. Porto Alegre: Artmed, 1983.

_____. (1952). Ansiedade associada à insegurança. In: _____. *Da Pediatria a Psicanálise*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.

_____. (1945). Desenvolvimento emocional primitivo. In: _____. *Da Pediatria a Psicanálise*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.

_____. (1949). Recordações do nascimento, trauma do nascimento e ansiedade. In: _____. *Da Pediatria a Psicanálise*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.

_____. (1950) Agressão e sua relação com o desenvolvimento emocional. In: _____. *Da Pediatria a Psicanálise*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.

_____. (1956) Preocupação materna primária. In: _____. *Da Pediatria a Psicanálise*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.

Hélia Borges

e-mail: hebo@terra.com.br

Tramitação

Recebido em 28/04/2011

Aprovado em 20/08/2011